



PROCESSO SELETIVO À MOBILIDADE ACADÊMICA 2024 – MOBA 2024

EDITAL Nº 06/2023 – COPERPS, DE 10 DE OUTUBRO DE 2023

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ Nº de Inscrição: _____

15 DE NOVEMBRO DE 2023

ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

**Artes Visuais; Cinema e Audiovisual;
Comunicação Social (Jornalismo; Publicidade e Propaganda);
Dança; Língua Alemã; Língua Espanhola; Língua Francesa;
Língua Inglesa; Libras; Língua Portuguesa; Museologia;
Música; Produção Multimídia e Teatro.**

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTEs.

- 1 Confira se o **Boletim** que você recebeu corresponde à área e ao curso no qual você está inscrito, conforme consta no seu cartão de inscrição e cartão resposta. Caso contrário comunique ao fiscal de sala.
- 2 O **Boletim de Questões** consistirá de **40 (quarenta) questões de múltipla escolha**, sendo **10 (dez) questões de Língua Portuguesa, 10 (dez) questões de Literatura, 10 (dez) questões de Filosofia e 10 (dez) questões de História**. Cada questão objetiva apresenta 5 (cinco) alternativas. Identificadas por **(A), (B), (C), (D) e (E)**, das quais apenas uma é correta.
- 3 Confira se, além deste **Boletim**, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões objetivas.
- 4 É necessário conferir se a prova está completa e sem falhas, bem como se seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, comunique imediatamente o fiscal de sala. O **Cartão-Resposta** só será substituído se nele for constatado falha de impressão.
- 5 Será de exclusiva responsabilidade do candidato a certificação de que o **Cartão-Resposta** que lhe for entregue no dia da prova é realmente o seu. Não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo. Após a conferência, assine seu nome no espaço próprio do **Cartão-Resposta**.
- 6 No **Cartão-Resposta** não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com marcação a lápis (grafite), com mais de uma alternativa marcada e aquelas que contiverem qualquer espécie de corretivo sobre as alternativas. A marcação do **Cartão-Resposta** deve ser feita com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**.
- 7 O **Cartão-Resposta** será o único documento considerado para a correção. O **Boletim de Questões** deve ser usado apenas como rascunho e não valerá, sob hipótese alguma, para efeito de correção.
- 8 A Prova Objetiva terá **início às 15h e término às 18h**, observado o horário de Belém – Pará.
- 9 O candidato deverá permanecer obrigatoriamente no local de realização da prova por, no mínimo, **uma hora** após o início da prova. Ao terminar a prova, o candidato deverá entregar ao fiscal de sala o **Boletim de Questões** e o **Cartão-Resposta**, e assinar a lista de presença.
- 10 O(A) candidato(a) poderá levar o Boletim de Questões quando faltar 30 minutos para o término das provas.
- 11 Os(As) três últimos(as) candidatos(as) devem permanecer na sala de aplicação de prova até que os(as) três considerem concluídas suas provas, com obediência do horário de término da prova.

Boa Prova!



MARQUE A ÚNICA ALTERNATIVA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 40.

LÍNGUA PORTUGUESA


Texto base para as questões de 1 a 4.

1 Cordão de girassol: desenho identifica pessoas com deficiências 2 ocultas ou não aparentes; entenda

3 Lei que institui o símbolo foi sancionada nesta semana. Objetivo é promover a conscientização e o respeito a
4 direitos garantidos, como atendimento prioritário para quem não tem uma deficiência percebida de imediato,
5 como surdez, autismo e deficiências intelectuais.

Por g1
19/07/2023 14h36 Atualizado há 2 meses

6 O governo federal oficializou nesta semana o uso da fita com desenhos de girassóis como símbolo de
7 identificação das pessoas com deficiências ocultas ou não aparentes - isto é, aquelas que podem não ser
8 percebidas logo de cara, como surdez, autismo e algumas deficiências intelectuais.

9  Objetivo: ajudar o dia a dia dessas pessoas a fim de garantir o suporte e respeito aos direitos de que
10 necessitam, como atendimento prioritário ou em situações de emergência.

11 A medida altera o Estatuto da Pessoa com Deficiência e foi publicada na edição do "Diário Oficial da União"
12 de segunda-feira (17).

13 O uso do cordão é opcional, e o exercício aos direitos da pessoa com deficiência não depende da utilização
14 do acessório. Da mesma forma, o símbolo não substitui a apresentação de documento comprobatório de
15 deficiência quando requisitado por atendentes ou autoridades competentes.

16 Para a entidade Hidden Disabilities Sunflower, a lei atende a um pedido por "mais empatia" com as pessoas
17 com deficiências ocultas e "representa um importante passo para a inclusão e conscientização".

18 [...]

Fonte: CORDÃO DE GIRASSOL. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/07/19/cordao-de-girassol-desenho-identifica-pessoas-com-deficiencias-ocultas-ou-nao-aparentes-entenda.ghml>.
Acesso em: 06 outubro 2023.

1 A partir das informações contidas no texto, é correto afirmar que

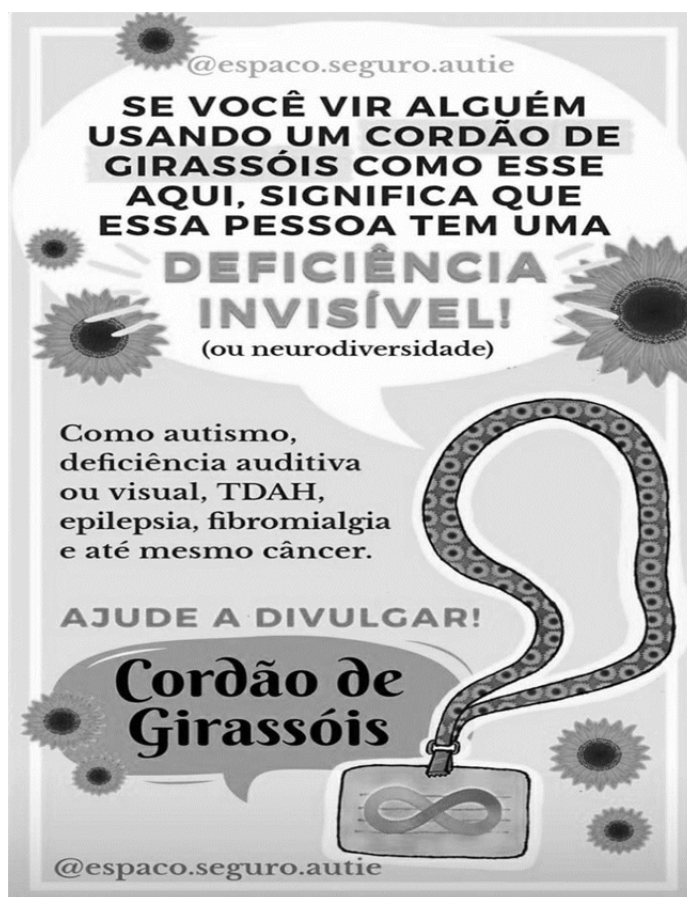
- (A) a utilização do cordão de girassol é um pré-requisito para que se garantam o suporte e o respeito aos direitos das pessoas com deficiências ocultas.
- (B) o cordão de girassol como símbolo das deficiências ocultas foi sancionado por lei, que tornou obrigatório seu uso, no caso de pessoas com esse tipo de condição.
- (C) o uso do cordão de girassol é a única forma garantida por lei de assegurar o atendimento prioritário para quem não tem uma deficiência percebida de imediato.
- (D) o uso do cordão de girassol, além de representar as deficiências ocultas, também é um símbolo de diversidade, de modo geral.
- (E) a instituição do cordão de girassol como símbolo para identificação das pessoas com deficiências ocultas ou não aparentes ocasionou uma alteração no Estatuto da Pessoa com Deficiência.

2 Do ponto de vista de sua principal intencionalidade discursiva, o texto em questão tem por objetivo

- (A) enumerar as vantagens do uso do cordão de girassol, a fim de ajudar o dia a dia de pessoas com deficiências ocultas.
- (B) informar acerca da oficialização da instituição do cordão de girassol como símbolo de identificação das pessoas com deficiências ocultas ou não aparentes.
- (C) instruir o leitor sobre como se portar diante de uma pessoa com deficiência oculta ou não aparente, oferecendo explicações acerca dos procedimentos a serem adotados para com tal público.
- (D) alertar a população sobre a obrigatoriedade do uso do cordão de girassol como símbolo de identificação de pessoas com deficiências ocultas ou não aparentes.
- (E) atender, especificamente, a um pedido, feito pela entidade *Hidden Disabilities Sunflower*, por "mais empatia", em se tratando de pessoas com deficiências.

- 3 No trecho “Lei que institui o símbolo foi sancionada nesta semana” (linha 3), o constituinte sublinhado exerce a mesma função sintática do constituinte destacado em
- (A) Sancionaram a lei que institui o símbolo nesta semana.
(B) O governo federal sancionou a lei que institui o símbolo nesta semana.
(C) Nesta semana, a lei que institui o símbolo o jornal noticiou.
(D) Sancionou-se a lei que institui o símbolo nesta semana.
(E) O governo federal considerou necessária a lei que institui o símbolo.
- 4 O sinal de dois pontos em “Cordão de girassol: desenho identifica pessoas com deficiências ocultas ou não aparentes” (linhas 1 e 2) foi usado para
- (A) introduzir um discurso direto.
(B) explicar um determinado conceito/tema/referente.
(C) enumerar itens de uma mesma classe.
(D) estabelecer relações semântico/pragmáticas entre duas orações.
(E) introduzir uma citação.

Texto base para as questões de 5 a 7.



Fonte: ESPAÇO SEGURO AUTIE. Disponível em: <https://www.instagram.com/espaco.seguro.autie/>. Acesso em: 06 outubro 2023.

- 5 O texto acima faz uso não apenas de palavras (texto verbal) mas também de imagens (texto não verbal). Um dos motivos pelos quais as imagens foram empregadas no referido texto é a
- (A) opção por tornar o texto ambíguo, a fim de gerar um efeito de sentido que o torne mais atrativo para o público.
(B) necessidade de ilustrar um conceito não mencionado no texto, mas indispensável à sua compreensão.
(C) necessidade de organizar sequencialmente os elementos linguísticos contidos no texto.
(D) opção por acrescentar informações visuais acessórias ao texto, a fim de torná-lo mais atrativo para o público.
(E) necessidade de ilustrar um conceito que foi referido no texto verbal.



- 6 Em “[...] como autismo, deficiência auditiva ou visual, TDAH, epilepsia, fibromialgia e até mesmo câncer”, do ponto de vista semântico-discursivo/argumentativo, o termo sublinhado serve para introduzir
- (A) uma informação importante, decisiva, impactante no texto.
(B) um item cuja força argumentativa é a mesma dos demais itens elencados no texto.
(C) uma informação menos proeminente no texto.
(D) um item que estabelece uma ideia de oposição, com relação aos termos anteriormente mencionados no texto.
(E) um termo que encapsula/resume o significado dos demais termos mencionados anteriormente no texto.
- 7 No trecho “Se você vir alguém usando um cordão de girassóis como esse aqui, significa que essa pessoa tem uma deficiência invisível!”, a palavra sublinhada estabelece uma relação semântica de homonímia com o vocábulo destacada em
- (A) Se você vier, ficarei feliz.
(B) Quando eu vir você fazendo algo errado, irei denunciar.
(C) Ele precisa vir aqui imediatamente.
(D) Ele precisará ir para casa.
(E) Eu vim aqui para ver você.

Texto base para as questões de 8 a 10.

- 1 **“Eu reconheço que eu estou aprendendo sobre esse assunto, que eu não sei**
2 **sobre ele. Eu sei sobre mim muito intuitivamente e isso é o valor de um bom**
3 **diagnóstico para margear o seu caminho, porque uma pessoa que não se**
4 **conhece fica muito mais suscetível a ser oprimida”.**

Leticia Sabatella, atriz

LETÍCIA SABATELLA FALA SOBRE TER DESCOBERTO AUTISMO.
Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/leticia-sabatella-fala-sobre-ter-descoberto-autismo-aos-52-anos-foi-libertador/>.
Acesso em: 06 outubro 2023.

- 8 O texto acima foi produzido pela atriz Letícia Sabatella, quando recebeu, aos 52 anos, o diagnóstico de autismo. Na terceira linha, sobre o emprego de “seu”, é correto afirmar que
- (A) assume um sentido de inclusão, em que a autora do texto fala tanto de si quanto de outras pessoas que experimentem ou possam vir a experimentar a mesma situação que ela.
(B) corresponde a um emprego equivocado, não intencional, um erro da autora do texto, que se confundiu ao empregar a segunda pessoa do singular, ao invés de usar a primeira pessoa do singular.
(C) é empregado como uma estratégia de interlocução da atriz para se dirigir, especificamente, à pessoa com quem estava falando, ao produzir seu texto.
(D) corresponde a um uso linguístico para se dirigir, exclusivamente, ao público leitor, a fim de chamar a atenção para aquilo que é dito.
(E) agrega ao texto um teor irônico, em que o conteúdo dito se opõe à situação referida pela autora do texto.
- 9 Sobre o trecho “[...] isso é o valor de um bom diagnóstico para margear o seu caminho [...]” (linhas 2 e 3), é correto afirmar que
- (A) deve ser compreendido exclusivamente em seu sentido literal, real.
(B) corresponde a um uso gramaticalmente adequado, seguindo os preceitos da norma culta escrita, explorando estritamente o sentido denotativo das expressões que constituem o enunciado.
(C) corresponde a uma sentença mal formada em português, apresentando inúmeros desvios de norma culta escrita e problemas de adequação linguística em seu uso.
(D) apresenta um uso figurativo de certas expressões, que são empregadas em seu sentido conotativo, não literal.
(E) inclui, em sua constituição, termos que devem ser compreendidos em seu sentido figurativo, ou seja, denotativo, não literal.



- 10 No texto, as palavras “reconheço” (linha 1) e “intuitivamente” (linha 2), respectivamente, foram estruturadas a partir do mesmo processo de formação dos vocábulos
- (A) “iluminação” e “compartilhar”.
 - (B) “desleal” e “normalidade”.
 - (C) “planalto” e “vinagre”.
 - (D) “desfazer” e “pós-verdade”.
 - (E) “flautista” e “competição”.

LITERATURA

- 11 Sobre o trecho de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, é correto afirmar que

21 DE MAIO: Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha.¹

¹ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020, p. 42-43.

- (A) o “diário de uma favelada” é registro da realidade das periferias brasileiras, em linguagem sem pretensões literárias, o que restringe o gênero da obra à criação exclusivamente documental, não artística.
- (B) o caráter onírico da passagem, que relata os sonhos da narradora, fazem com que a narrativa se caracterize como do gênero lírico, que privilegia a expressão de contextos irreais.
- (C) a obra pode ser classificada como épica, na modalidade trágica, já que a protagonista passa de um estado de felicidade para o de infelicidade.
- (D) a presença do fluxo de consciência, que revela o que se passa nos pensamentos da narradora, permitem incluir o *Quarto de despejo* no gênero dramático, em que se expressam dramas de pessoas comuns.
- (E) criada por uma mulher que se define como escritora, publicada e vendida como literatura, a obra transfigura esteticamente, em criação literária, a vida de uma moradora da favela.

RASCUNHO



- 12 Em uma das primeiras passagens de suas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis caracteriza sua infância. Da leitura do excerto a seguir e considerando seu conhecimento sobre o romance, é correto afirmar o seguinte:

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e, verdadeiramente, não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos.²

² ASSIS, MACHADO. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, v. 1, p. 526.

- (A) como representante da geração Condoreira, o autor faz de seu romance um longo protesto contra a escravidão, como se nota no fragmento.
- (B) a religiosidade machadiana, que é marcadamente sincrética, expressa-se na passagem quando o narrador atribui a “malignidade” do menino à possível possessão demoníaca.
- (C) no trecho, o narrador revela profundo arrependimento pelas maldades a que submeteu os empregados de sua casa, atribuindo os fatos à má educação recebida, bem nos moldes naturalistas.
- (D) o trecho revela um pensamento hegemônico na segunda metade do século XIX, que advogava pela inocência das crianças, incapazes de distinguir o bem e o mal.
- (E) o narrador, nos moldes realistas, não se envergonha em revelar a crueldade do próprio comportamento, exemplo das relações sociais de seu tempo.

- 13 Sobre a primeira estrofe da cantiga trovadoresca de Pero de Armea³ (*B 1089, V 680*) é correto afirmar o seguinte:

³ Fonte: Projeto Littera – Universidade Nova de Lisboa [<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1104&pv=sim>]

Meus amigos, quero-vos eu dizer,
se vós quiserdes, qual coita mi vem:
vem-mi tal coita que perco meu sem
por quanto vos ora quero dizer:
por ãa dona, que por meu mal vi,
mui fremosa, e de que me parti
mui[to] d'anvidos e sem meu prazer.

Glossário:

coita: sofrimento

sem: juízo, razão

ora: agora

fremosa: formosa

d'anvidos: contra a vontade

- (A) trata-se de uma cantiga de amigo, em que o jovem confessa aos “amigos” que sofre porque pouco tem visto (“mal vi”) a amada.
- (B) trata-se de uma cantiga de amor, em que o jovem se queixa aos amigos por ter sido afastado, contra a vontade, da amada.
- (C) trata-se de uma cantiga lírica, em que o trovador diz aos amigos que aquela que ele ama não retribui o sentimento.
- (D) trata-se de uma cantiga satírica, em que os amigos fazem pouco caso do sofrimento amoroso do jovem, afastado da amada contra a vontade.
- (E) trata-se de uma cantiga de escárnio, cuja mensagem ambígua dá conta de que o jovem “partiu” assim que conseguiu o que queria da dama.



PROCESSO SELETIVO À MOBILIDADE ACADÊMICA 2024 – MOBA 2024
EDITAL Nº 06/2023 – COPERPS, DE 10 DE OUTUBRO DE 2023
ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES



14 Em seu “Autorretrato”, reproduzido abaixo, Bocage se define como

Magro, de olhos azuis, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste da facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno.

Incapaz de assistir num só terreno,
Mais propenso ao furor do que à ternura;
Bebendo em níveas mãos por taça escura
De zelos infernais letal veneno:

Devoto incensador de mil deidades
(Digo, de moças mil) num só momento,
E somente no altar amando os frades:

Eis Bocage, em quem luz algum talento;
Saíram dele mesmo estas verdades

Num dia em que se achou mais pachorrento.⁴

⁴ BOCAGE, Manuel Maria Barbosa Du. *Sonetos e outros poemas*. São Paulo: FTD, 1994, p. 26.

- (A) homem de triste aspecto e fiel devoto do Catolicismo, amando os frades no altar.
- (B) um adepto do politeísmo, com feições que o identificam aos bravos conquistadores portugueses.
- (C) poeta com algum talento, altura mediana e instável no temperamento.
- (D) indivíduo em quem o furor, a ternura e a piedade andam juntos.
- (E) escritor dilacerado entre a experiência dos desejos e a consciência do pecado.

RASCUNHO



- 15 Em 1843, Gonçalves Dias escreveria, em Coimbra, sua famosa “Canção do exílio”. Sobre o poema, é correto afirmar que

Minha terra tem palmeiras
onde canta o sabiá;
as aves, que aqui gorjeiam,
não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
nossas várzeas têm mais flores,
nossos bosques têm mais vida,
nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho à noite,
mais prazer encontro eu lá;
minha terra tem palmeiras,
onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
que tais não encontro eu cá;
em cismar - sozinho, à noite -
mais prazer encontro eu lá;
minha terra tem palmeiras,
onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
sem que eu volte para lá;
sem que desfrute os primores
que não encontro por cá;
sem qu'inda aviste as palmeiras,
onde canta o sabiá⁵

⁵ DIAS, Antônio Gonçalves. *Poetas românticos brasileiros*. São Paulo: Livraria do Centro, 1963, v. 2, p. 31-32.

- (A) é expressão exemplar da primeira geração do Romantismo brasileiro, que valoriza a pátria, em especial sua natureza.
- (B) através da expressão “Minha terra”, revela-se o sentimento do colonizador português, que considerava a colônia sua propriedade.
- (C) trata dos amores deixados na terra natal, cuja saudade faz com que o eu lírico peça a Deus pela própria morte.
- (D) estabelece uma oposição entre o ambiente natural, *locus amoenus*, e aquele civilizado, como prega o movimento arcadista a que se filia o poeta.
- (E) o eu lírico, saudoso de sua terra, lamenta pelo ambiente urbano, cheio de gente e poluído da Coimbra em que é obrigado a viver.

RASCUNHO



- 16 Sobre o trecho a seguir, de *O auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, no que diz respeito à abordagem tripartida dos gêneros literários, é correto afirmar que

CHICÓ - Bom, eu digo assim porque sei como esse povo é cheio de coisas, mas não é nada demais. Eu mesmo já tive um cavalo bento.

JOÃO GRILO - Que é isso, Chicó? (Passa o dedo na garganta.) Já estou ficando por aqui com suas histórias. É sempre uma coisa toda esquisita. Quando se pede uma explicação, vem sempre com “não sei, só sei que foi assim”.

CHICÓ Mas se eu tive mesmo o cavalo, meu filho, o que é que eu vou fazer? Vou mentir, dizer que não tive?

JOÃO GRILO Você vem com uma história dessas e depois se queixa porque o povo diz que você é sem confiança.⁶

⁶ SUASSUNA, Ariano. *Teatro Completo: comédias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, v. 1, p. 38.

- (A) é representante do gênero épico, no qual um narrador apresenta para uma plateia passagens das vidas de personagens.
- (B) é representante do gênero dramático, já que se estrutura, hegemonicamente, através de diálogos e foi escrita para ser representada.
- (C) é representante do gênero narrativo, uma vez que, para além dos diálogos entre as personagens, o narrador descreve suas ações.
- (D) é representante do gênero tragédia, já que traz ao palco personagens nobres em uma situação que caminha da felicidade para a infelicidade.
- (E) é representante do gênero lírico, pois o que se lê no texto é a expressão dos sentimentos das personagens.

- 17 “O voluntário” abre a coletânea dos *Contos amazônicos*, de Inglês de Souza, publicada em 1892. Considerando o fragmento a seguir e seus conhecimentos acerca do escritor paraense, é correto afirmar o seguinte:

É naturalmente melancólica a gente da beira do rio. Face a face toda a vida com a natureza grandiosa e solene, mas monótona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentra-se a alma num apático recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto.

O caboclo não ri, sorri apenas; e a sua natureza contemplativa revela-se no olhar fixo e vago em que se leem os devaneios íntimos, nascidos da sujeição da inteligência ao mundo objetivo, e dele assoberbada. Os seus pensamentos não se manifestam em palavras por lhes faltar, a esses pobres tapuios, a expressão comunicativa, atrofiada pelo silêncio forçado da solidão.⁷

⁷ SOUZA, Inglês de. *Contos amazônicos*. Jundiaí (SP): Cadernos do Mundo Inteiro, 2018, p. 9.

- (A) seguindo a moda naturalista, o narrador elogia um cenário em que o homem vive em harmonia com o ambiente, afastado do espaço urbano, nocivo, e da agitação social.
- (B) a linguagem rebuscada, por vezes confusa, revela a filiação do autor ao Parnasianismo, que, mais que interessado nas realidades exteriores, ocupa-se em sofisticar as formas de narrar.
- (C) o retrato do ribeirinho, arrancado de seu meio para sofrer nas palafitas das periferias urbanas, é expressão do regionalismo que se imporia como movimento hegemônico uma década mais tarde.
- (D) animado pelo desejo naturalista de descrever as influências do meio na formação do homem, o fragmento revela a perspectiva etnocêntrica urbana, que considera as populações ribeirinhas como inferiores em inteligência.
- (E) como se nota no fragmento, já em finais do século XIX o autor é precursor da denúncia ambiental, relatando a repercussão da destruição da floresta e dos rios para os habitantes locais.



- 18 Sobre as duas primeiras estrofes do poema “Floriram por engano as rosas bravas”, do português Camilo Pessanha, é correto afirmar que

Floriram por engano as rosas bravas
No inverno: veio o vento desfolhá-las...
Em que cismas, meu bem? Porque me calas
As vozes com que há pouco me enganavas?

Castelos doidos! Tão cedo caístes!...
Onde vamos, alheio o pensamento,
De mãos dadas? Teus olhos, que um momento
Perscrutaram nos meus, como vão tristes!⁸

⁸ PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. 3ª ed. São Paulo: Núcleo, 1989, p. 26.

- (A) as aliterações do segundo verso, recuperando a sonoridade do vento, são mostras do caráter simbolista do poeta.
(B) a menção à loucura, no quinto verso, revela os traços da segunda geração romântica, à qual Pessanha se filiava.
(C) o tema da passagem do tempo encarna o *Carpe diem* horaciano, o que qualifica o poema como arcade.
(D) o amor infeliz, retratado nos últimos versos, dá conta do pessimismo do poeta, que participou da ideologia do Mal do Século.
(E) a imagem do castelo em ruínas é expressão do medievalismo típico da primeira geração romântica a que o poema pertence.

- 19 Sobre os versos finais do primeiro poema de “O sentimento de um ocidental”, de Cesário Verde, é correto afirmar o seguinte:

Vazam-se os arsenais e as oficinas;
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas, galhadeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infecção!⁹

⁹ VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde*. 2ª ed. São Paulo: Iba Mendes, 2018, p. 54.

Glossário:

varinas: vendedores
ambulantes de peixes

- (A) o poema recorda as grandes navegações portuguesas, exaltando os heróis que, saídos do meio do povo, depois naufragaram durante as tempestades.
(B) o poeta moderniza as formas do verso português ao adotar métrica livre e versos brancos para denunciar a indignidade da vida nas cidades.
(C) no poema, a realidade insalubre dos bairros operários é retratada em oposição à atmosfera sã da vida no mundo rural, representado pelo rio reluzente.
(D) o poema apresenta, com metáforas que identificam o mundo natural e o humano, o cotidiano dos centros urbanos, em que operárias desumanizadas são descritas como um cardume.
(E) representante da épica portuguesa, o poema toma como protagonista um eu coletivo, de operários que constroem, heroicamente, a riqueza das cidades.



- 20 No conto “As margens da alegria”, que abre suas *Primeiras estórias*, de 1962, Guimarães Rosa narra as experiências de um menino, em viagem com os tios para “o lugar em que se construía a grande cidade”. Ali, confrontam-se a natureza que se vai perdendo com as máquinas capazes de destruições espantosas. Sobre o trecho a seguir é correto afirmar o seguinte:

Não viu: imediatamente. A mata é que era tão feia de altura. E onde? Só umas penas, restos, no chão. - "Uê se matou. Amanhã não é o dia-de-anos do doutor?" Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru aquele. O peru-seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o menino recebia em si um miligrama de morte.

Já o buscavam: - "Vamos aonde a grande cidade vai ser, o lago..

Cerrava-se, grave, num cansaço e numa renúncia à curiosidade, para não passear com o pensamento. Ia. Teria vergonha de falar do peru. Talvez não devesse, não fosse direito ter por causa dele aquele doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano. Mas, matarem-no, também, parecia-lhe obscuramente algum erro. Sentia-se sempre mais cansado. Mal podia com o que agora lhe mostravam, na circuntristeza: o um horizonte, homens no trabalho de terraplenagem, os caminhões de cascalho, as vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira. Sua fadiga, de impedida emoção,¹⁰

¹⁰ ROSA, João de Guimarães. “As margens da alegria”. *Primeiras estórias*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 29.

- (A) o olhar do menino valoriza o poder das máquinas que transformam a paisagem e encantam o protagonista, numa metáfora do apreço por um país moderno em que o progresso suplantara o mundo rural.
- (B) na narrativa, um menino, em um instante, perde seu animal de estimação e, com ele, a certeza de que os valores da amizade poderiam durar para sempre.
- (C) no conto, a linguagem se entretetece para narrar o primeiro contato de um menino com o caráter irremediável da morte – de um peru – e o seu processo de luto.
- (D) a narrativa simboliza, no peru abatido, o sacrifício a que os animais são submetidos para servirem à necessidade humana, num apelo pioneiro de Rosa pela atenção à vida animal.
- (E) a cidade que se construía e os animais e árvores que se consumiam metaforizam, no conto, o amadurecimento do protagonista, que passa de menino a homem no decorrer da viagem com os tios.

FILOSOFIA

- 21 Em *Hermenêutica e poesia*, Benedito Nunes afirma que a apreciação da obra de arte “a partir do século XVIII subordinar-se-ia ao juízo de gosto estético”, que, por sua vez, “tem por base o sentimento”. Isso faz a diferença entre juízo estético e juízo lógico, porque não é possível nos servirmos de conceitos para explicar os objetos da arte

(NUNES, B. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 108).

Sendo esta asserção verdadeira, podemos concluir que

- I o juízo estético, que não existia na história da cultura humana antes de ser determinado por Baumgarten, altera nossa compreensão das coisas;
- II o juízo de gosto estético é uma forma alternativa de acesso à verdade objetiva acerca do mundo;
- III a base sentimental que tem o juízo estético é complementar ao juízo lógico e nos dá um novo meio de confirmação das hipóteses científicas a respeito dos objetos em geral;
- IV o juízo estético expressa nosso gosto sem interesse por nenhum tipo de conhecimento sobre o objeto;
- V no juízo estético o objeto não tem qualquer valor objetivo.

De acordo com o texto, é correto o que se afirma em

- (A) I e III, somente.
- (B) II e IV, somente.
- (C) III e V, somente.
- (D) IV e V, somente.
- (E) V, somente.



PROCESSO SELETIVO À MOBILIDADE ACADÊMICA 2024 – MOBA 2024
EDITAL Nº 06/2023 – COPERPS, DE 10 DE OUTUBRO DE 2023
ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES



- 22 Ao tratar do tema da felicidade como causa da ação dos homens, Adam Ferguson escreve o seguinte: “Para o grego ou para o romano antigo, o indivíduo não era nada, a comunidade era tudo. Para o moderno, em tantas nações da Europa, o indivíduo é tudo, e a comunidade, nada”

(FERGUSON, A. *Ensaio sobre a história da sociedade civil*. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 96).

Em paralelo a isso, Aristóteles nos dizia que o bem humano é um fim “tanto para o indivíduo como para o Estado”, embora “o deste último parece ser algo maior e mais completo”.

(ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 50).

Cotejando essas duas passagens, podemos concluir que

- I a modernidade atenua e aperfeiçoa o modelo arcaico da antiga visão moral e social do mundo;
- II em Aristóteles confirmamos a interpretação de Ferguson sobre a importância absoluta do Estado frente ao indivíduo;
- III apesar da relevância do Estado para Aristóteles, a felicidade do indivíduo é a base da universalidade na vida da comunidade;
- IV na modernidade, a felicidade da humanidade está dirigida à individualidade da pessoa;
- V Aristóteles propõe uma moderação entre os fins individuais e sociedade, na busca da felicidade.

É correto o que se afirma em

- (A) I, somente.
- (B) II e IV, somente.
- (C) III e V, somente.
- (D) IV e V, somente.
- (E) V, somente.

- 23 Em suas *Meditações metafísicas*, Descartes afirma existir “uma grande discrepância entre o objeto e sua ideia”, como quando representamos o sol a partir dos sentidos, em que ele nos parece “muito pequeno” e quando o representamos a partir “das razões da Astronomia”, “pela qual o sol se mostra várias vezes maior do que a Terra”. Em vista dessa diferença, infere Descartes que “é seguro que essas duas ideias não podem ser uma e outra semelhantes ao mesmo sol existente fora de mim. E a razão me persuade de que a que mais diretamente parece dele emanar é a que menos se lhe assemelha”.

(DESCARTES, R. *Meditações sobre a Filosofia Primeira*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 79).

Tomando por base o raciocínio de Descartes (2004), analise as afirmativas a seguir:

- I Para Descartes, o que mais diretamente se aproxima da ideia correta de um objeto é sua evidência intuitiva ou concreta.
- II Para Descartes, não conhecemos o sol pelo simples fato de vê-lo, mas pelo poder de concebê-lo por meio de evidências fundadas no entendimento.
- III Para Descartes, a verdadeira ideia do que seja o sol só podemos obter dele mesmo, não do modo como o representamos.
- IV Segundo Descartes, as representações da Astronomia, diferentes de meras abstrações, põem-nos em contato com a realidade, ela mesma.
- V Embora seja por meio de teorias e conceitos que explicamos as coisas do mundo, essas estruturas lógicas são as que menos se lhe assemelham.

É correto o que se afirma em

- (A) I e IV, somente.
- (B) II, somente.
- (C) I e III, somente.
- (D) IV e V, somente.
- (E) II e V, somente.



- 24 Referindo-se ao que há de mais característico na arte, Ernst Cassirer afirma que ela “não procura saber as qualidades ou as causas das coisas; apresenta-nos a intuição da forma das coisas”, sem imitá-las, afinal o “artista é tão descobridor das formas da natureza quanto o cientista é um descobridor de fatos naturais”.
(CASSIRER, E. *Ensaio sobre o homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 236).

Considerando o que nos diz Cassirer (1997), analise as afirmativas a seguir:

- I A arte é uma forma de conceber as coisas que leva em consideração apenas as suas figuras concretas.
- II A arte é um modo especial de classificação intuitiva das coisas e de determinação de suas essências.
- III O artista baseia suas produções abstratas nas formas puras da sensibilidade humana.
- IV A arte é um dos processos mais importantes na avaliação e determinação das regras de compreensão objetiva do mundo.
- V A arte nos permite a apreensão compreensiva das coisas, independentemente de conceitos.

É correto o que se afirma em

- (A) I e II somente.
- (B) III, somente.
- (C) I e IV, somente.
- (D) III e V, somente.
- (E) V, somente.

- 25 Em sua *Metafísica dos costumes*, Kant defende a ideia de que o conceito de liberdade, que faz do homem um ser responsável por suas ações, é puramente racional e não pertence à filosofia teórica da natureza. Segundo ele, “no uso prático da razão o conceito de liberdade prova sua realidade através de princípios” que são alheios aos nossos instintos e orientam nossas ações comuns, de alcance social.

(KANT, I. *A metafísica dos costumes*. Bauru: Edipro, 2008, p. 64).

Com base no texto, inspirado nas ideias de Kant (2008), analise as afirmativas a seguir:

- I Tais princípios são regras que definem o que devemos escolher fazer, independentemente de contingências empíricas.
- II Para que princípios práticos puros possam influenciar nossa vontade e valer na realidade, devem determinar quaisquer ações, sejam individuais ou públicas.
- III Leis morais ou princípios práticos devem ser inferidos das ações reais, generalizando padrões comuns observados nas escolhas dos indivíduos frente a outros indivíduos.
- IV Princípios morais devem ser considerados transcendententes a qualquer vontade incondicionada para que se apliquem à realidade.
- V Apenas por meio de princípios práticos puros pode surgir o conceito de dever e de obrigação moral.

É correto o que se afirma em

- (A) I, somente.
- (B) II e III, somente.
- (C) III e IV, somente.
- (D) IV e V, somente.
- (E) I e V, somente.

RASCUNHO



- 26 Segundo Schopenhauer, o gênio artístico é “a capacidade preponderante de apreender as ideias das coisas por intuição contemplativa e puramente objetiva”. Com isso, ele propõe que o entendimento de que “o princípio de razão, que conhece as relações e as coisas isoladas, cuja existência inteira reside propriamente apenas em relações”, seja abandonado.

(SCHOPENHAUER, A. *Metafísica do belo*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 83).

Considerando o texto acima, analise as afirmativas a seguir.

- I Para Schopenhauer, a arte tem um poder de exprimir a verdade inacessível à ciência.
- II Para Schopenhauer, a ciência não é uma forma objetiva pura de conhecimento.
- III Para o autor de *Metafísica do belo*, a ciência tradicional nos fornece representações fragmentadas da realidade das coisas.
- IV Para Schopenhauer, apenas a arte nos dá uma representação abstrato-concreta do mundo e da nossa vontade.
- V Para Schopenhauer, a razão só se realiza na contemplação das ideias.

É correto o que se afirma em

- (A) I, somente.
- (B) I e II, somente.
- (C) I, II e III, somente.
- (D) III e IV, somente.
- (E) V, somente.

- 27 Referindo-se a forma específica da reflexão filosófica de Rousseau em *Do contrato social*, Salinas Fortes escreve: “O princípio da soberania da vontade geral só impõe (...) uma condição formal para toda ordem social. Não é possível deduzir, a partir dessa condição, qual o conteúdo efetivo do sistema de legislação próprio para uma sociedade determinada”.

(SALINAS FORTES, L.R. *Rousseau: da teoria à prática*. São Paulo: Ática, 1976, p. 38).

Considerando o conteúdo do texto acima, analise as afirmativas a seguir.

- I O horizonte com o qual trabalha Rousseau em *Do contrato social* é indiferente às formas históricas de desigualdade e de legislação.
- II Os sistemas de leis positivas não têm, em Rousseau, nenhum apoio formal.
- III Como o direito positivo deve ter por base o direito racional, Salinas Fortes está apontando mais um paradoxo da filosofia política de Rousseau.
- IV A soberania da vontade geral é da ordem do dever-ser, e não algo com efeito real imediato.
- V A vontade geral de que fala Rousseau como detentora da soberania popular é a simples indicação do interesse comum que está na base de toda ordem social.

É correto o que se afirma em

- (A) I, somente.
- (B) I e II, somente.
- (C) III e IV, somente.
- (D) IV, somente.
- (E) IV e V, somente.

RASCUNHO



- 28 Resumindo as ideias políticas de Hobbes, Émile Bréhier nos diz que, para o autor de *Leviatã*, os homens são “pela lei da natureza e da razão, levados a estabelecer contratos entre eles, pelos quais cada contratante se despoja de uma parte de seus direitos, deixando ao outro, livre e sem contestação, o desfrute do direito natural que um e outro tinham sobre o que abandonaram”.

(BRÉHIER, E. *História da filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1977, p. 137).

Considerando o conteúdo do texto acima, analise as afirmativas a seguir.

- I Para Hobbes, o contrato social é um ato puro de liberdade e de humanidade.
- II O despojar-se de uma parte dos direitos por meio do contrato tem por objetivo o desejo natural de autoconservação.
- III O compromisso de respeitar o pacto social é uma determinação da razão a serviço do instinto natural.
- IV A concepção de natureza humana em Hobbes nos autoriza a dizer que o pacto social promove uma alteração da nossa natureza.
- V O estabelecimento de contratos entre os homens é um fato da nossa espontaneidade natural.

É correto o que se afirma em

- (A) I e V, somente.
- (B) II e III, somente.
- (C) II, III e IV, somente.
- (D) IV, somente.
- (E) IV e V, somente.

- 29 Segundo Aristóteles, a Lógica é uma ciência propedêutica a toda forma de saber possível, afinal, ela investiga as leis que são necessárias para o correto uso do pensamento. Kant afirma que, como isso implica abstrair o conteúdo do conhecimento, a Lógica aristotélica não nos permite entender o modo como a Física explica os fatos do mundo, uma vez que, nesta, a Lógica serve de fonte para os critérios de objetividade com os quais se ordena a experiência. Por essa razão, deve haver uma lógica.

Considerando o conteúdo do texto acima, analise as afirmativas a seguir.

- I Para Kant, a lógica aristotélica só tem proveito negativo, uma vez que previne erros formais sem que com isso nos permita afirmar algo acerca da realidade do mundo.
- II Sendo a lógica concebida por Aristóteles uma propedêutica a toda ciência, não é certo que ela abstraia todo e qualquer conteúdo de conhecimento.
- III A lógica aristotélica nos ajuda na compreensão das regras que fazem com que as relações linguísticas contidas em uma proposição sejam consideradas válidas, independente dos conteúdos postos em ligação.
- IV Para Kant, a lógica concebida por Aristóteles só atinge os aspectos subjetivos do nosso pensamento.
- V Opondo-se à ideia de uma lógica voltada apenas para a validação da forma de um argumento, Kant nos propõe uma lógica empiricamente fundamentada.

É correto o que se afirma em

- (A) I e III, somente.
- (B) II e IV, somente.
- (C) I, III e IV, somente.
- (D) IV e V, somente.
- (E) V, somente.

RASCUNHO



- 30 Segundo João Paulo Monteiro, em função das suas consequências para a nossa compreensão do potencial explicativo da ciência, a doutrina da causalidade de David Hume atinge um dos núcleos da metafísica racionalista, mas não só ela, como o reconhece Kant. Diferente da tradição racionalista, que via na relação de causa e efeito uma conexão necessária entre as coisas, Hume afirma que essa ligação tem por base apenas um hábito, já que associamos, repetidamente, a sequência de fatos e transformamos a necessidade subjetiva de vincular o anterior e o posterior em uma crença, logo, em um sentimento. Não haveria, desse modo, nenhum motivo para utilizarmos processos de inferência lógica como fundamentação de nossos juízos sobre as coisas do mundo.

(MONTEIRO, J.P. “Hume, vida e obra”, in HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1980).

Considerando o conteúdo do texto acima, analise as afirmativas a seguir.

- I Não há um fato que corresponda à ideia de causa e efeito, afinal, a palavra causalidade teria sentido apenas no caso de ser abstraída de algum fato real percebido.
- II A explicação científica baseada em demonstração lógica e prova satisfaz somente uma necessidade subjetiva de o homem pôr ordem nas coisas.
- III A necessidade lógica é uma criação da imaginação por meio da qual a ciência concebe modelos explicativos que de modo algum retratam a realidade efetiva do mundo.
- IV Dos fatos reais constitutivos da experiência física só são possíveis juízos descritivos deduzidos por inferências pragmáticas.
- V A única forma de explicar a realidade com garantias de certeza é desenvolver a matemática como estudo de relações efetivas.

É correto o que se afirma em

- (A) I e II, somente.
- (B) II, somente.
- (C) I, II e III, somente.
- (D) II e IV somente.
- (E) V, somente.

HISTÓRIA

- 31 “o aumento da circulação de material acadêmico no Brasil que problematiza o nascimento da filosofia na Grécia, trazendo à luz fontes africanas mais antigas que as ocidentais, tem sido motivo de críticas variadas. Objeções que alegam: ‘filosofia’ é um termo grego; outras insistem que só na Grécia Antiga o pensamento ganhou tom laico. Ou ainda, perguntam por que deveríamos ‘impor’ o registro filosófico a outras formas de pensamento de povos da antiguidade fora do mundo helênico. [...] A polêmica está no caráter filosófico dos escritos egípcios. Nós estamos de acordo com Diop e Obenga – o material egípcio é filosófico.”

(NOGUERA, Renato. Os gregos não inventaram a filosofia. **Cult**, 2 jul. 2016.
Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/os-gregos-nao-inventaram-filosofia/>.
Acesso em: 13 out. 2023).

Para autores contemporâneos, como Renato Nogueira, os gregos não inventaram a Filosofia e o pensamento e a história ocidental têm raízes na/no

- (A) Europa Ocidental antes dos gregos.
- (B) Norte da África e na cultura egípcia.
- (C) África fenícia, com suas matemáticas.
- (D) Oriente Médio e no mundo helênico antigo.
- (E) Oriente Próximo e no Egito do tempo de Cleópatra.



- 32 “O conceito de cidadania romana era muito mais amplo e flexível do que o ateniense... Tornavam-se romanos, por exemplo, os ex-escravos alforriados, chamados libertos, ainda que os plenos direitos políticos só fossem adquiridos pelos filhos de libertos, já nascidos livres. Os Romanos concediam, também a cidadania a indivíduos aliados e, até mesmo, a comunidades inteiras.”

(FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 6ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 94).

De acordo com o Paulo Funari, o conceito de cidadania, na antiguidade clássica,

- (A) era o mesmo em Roma Imperial e nas cidades-estado gregas do período clássico.
- (B) mostrava-se mais amplo e flexível na sociedade ateniense dos séculos V a I a.C.
- (C) variava histórica e espacialmente no mundo greco-romano.
- (D) tinha, na Esparta do século V a.C., maior abrangência do que na Roma Imperial.
- (E) limitava-se, na Roma Imperial, às pessoas nascidas na península itálica.

- 33 “As organizações confraternais que surgiram ao longo do território português durante a Época Moderna resultaram de fenômeno semelhante nascido na maioria das vilas e cidades do país na Época Medieval. O mesmo esteve estreitamente ligado ao desenvolvimento urbano e correspondeu às necessidades de identificação, proteção e convivialidade dos seus habitantes, originando um ‘parentesco artificial’ entre os seus membros (*confratres*) que substituíam, nesses locais populosos, as redes de solidariedade familiar prevalentes no meio rural, de onde a maioria provinha.”

(FONSECA, Jorge. **Religião e Liberdade: os negros nas irmandades e confrarias portuguesas (séculos XV a XIX)**. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2016, p. 11).

Para Jorge Fonseca, o renascimento urbano, em Portugal medieval, promoveu o(a)

- (A) surgimento de irmandades e confrarias religiosas, com uma nova rede de sociabilidades.
- (B) desarticulação das corporações de ofício em Lisboa e o surgimento de linhagens familiares.
- (C) desenvolvimento tardio do feudalismo no Alentejo, sem corporações de ofício ou confrarias.
- (D) laicização do Estado e a perda de influência da Igreja e das redes de sociabilidades.
- (E) enfraquecimento do poder Real nas cidades e no campo, com o nascimento de redes políticas e irmandades.

RASCUNHO

- 34 “O Atlas Catalão, produzido em algum momento do final do século XIV, é uma coleção de mapas encadernados como um livro. Destinado ao rei da França, deu-lhe uma imagem de todo o mundo conhecido na sua época. Os mapas combinam lendas antigas e ‘maravilhas’ da Ásia com informações geográficas, políticas e económicas, baseadas em histórias medievais, como o ‘Livro das Maravilhas do Mundo’, de Marco Polo.”

(Adaptado de: Atlas Catalan (1375). **Bibliothèque Nationale de France**, 2019.

Disponível em: <https://www.bnf.fr/fr/mediatheque/atlas-catalan-1375>.

Acesso em: 14 out. 2023).



Sobre o Atlas Catalão é correto afirmar que

- (A) retrata o Pacífico como o principal espaço econômico mundial, com menor valorização da Europa.
- (B) não considera o imaginário e a mentalidade medievais e valoriza o continente africano.
- (C) confere uma centralidade eurocentrada ao Mediterrâneo católico e não inclui outros povos e religiões.
- (D) parte de uma perspectiva que valoriza a alteridade cultural mediterrânica (África, Ásia e Norte da África).
- (E) utiliza padrões cartográficos exclusivos da Antiguidade Tardia, misturando pontos matemáticos e míticos.

- 35 “A expansão do que costumamos denominar monarquia absoluta se estende pelos dois últimos séculos do Antigo Regime e encontra seu apogeu com o modelo de Luís XIV. Na realidade, as expressões ‘monarquia absoluta’ e ‘absolutismo’ são enganosas. Certamente, a soberania real não se divide... Mas há uma enorme diferença entre teoria e prática. Na prática, o poder real se encontra extremamente limitado pela Igreja da França... pelas instituições consuetudinárias, pela força dos privilégios e das prerrogativas dos grupos intermediários, pelo arcaísmo do sistema financeiro, pela fraqueza e a lentidão dos meios de comunicação, pela ausência de uma polícia verdadeira. A expressão ‘monarquia administrativa’ parece, portanto, mais apropriada do que ‘monarquia absoluta’.”

(PETIFILS, Jean-Christian. Uma monarquia não tão absoluta. **História Viva Grandes Temas: Revolução Francesa**, São Paulo, n. 2, p. 8-19, 2005).

A respeito do chamado “Absolutismo” é correto afirmar que

- (A) caracterizava um conjunto de práticas políticas medievais.
- (B) possuía o poder real como sua única referência política.
- (C) teve, na Revolução Francesa, sua primeira contestação.
- (D) existiu, na Inglaterra, até a Era Vitoriana, no século XIX.
- (E) era um poder independente, mas limitado pelas instituições.



- 36 “Anos depois, em 1688, após novos conflitos, vencia um projeto político baseado na soberania parlamentar, na monarquia limitada, política externa imperialista, em suma, um mundo seguro e lucrativo para os homens de negócio. Após os conflitos, em finais do século XVII, saíam vitoriosos os sagrados direitos de propriedade (com a abolição dos títulos feudais sobre a terra e o fim da taxaçoão arbitrária) e a ideologia da ética protestante.”

(HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 31-2 – adaptado).

Na historiografia, em autores como Hill, a Revolução Inglesa é compreendida como um(a)

- (A) movimento político de caráter popular e contrário à burguesia.
 - (B) efeito das contradições do imperialismo inglês setecentista.
 - (C) vitória da burguesia inglesa, protestante e antiabsolutista.
 - (D) processo de consolidação do catolicismo no Reino Unido.
 - (E) desdobramento britânico dos ideais da Revolução Francesa.
- 37 “Os historiadores ainda não conseguiram integrar de modo satisfatório as antigas Histórias da Mesopotâmia e do Egito na História do Mediterrâneo. É um foco mais restrito, que substitui, apenas, as antigas Histórias da Grécia, de Roma e do Império Romano e de sua sucessão no tempo. [...] Essa restrição, no entanto, traz também vantagens. [...] Possibilita... colocar questões mais específicas a uma dada região do planeta por meio de algumas perguntas que nos interessam hoje em dia: de que modo se deram os processos de integração humana na bacia do Mediterrâneo?”

(GUARINELLO, Norberto. **História Antiga**. São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 48).

Acerca do Egito Antigo, é correto afirmar que

- (A) sua ocupação territorial não teve relação com a bacia do rio Nilo e adjacências, como os rios Tigres e Eufrates.
- (B) sua memória social sofreu, na Europa e nos Estados Unidos do século XX, um esforço de ocidentalização.
- (C) sua integração ao Mediterrâneo já está consolidada na historiografia, sendo o Egito parte da cultura Ocidental.
- (D) não fez parte, na historiografia tradicional, da chamada Crescente Fértil, mas hoje a Europa orientalizou-se.
- (E) a conquista de Roma, em 30 a.C., ocorreu no reinado de Cleópatra VII, e, desde então, o Egito se ocidentalizou.

- 38 “os africanos vinham cultivando uma espécie de arroz por eles domesticada de forma independente pelo menos um milênio antes do início do comércio transatlântico de escravos. [...] A crença típica de que os europeus introduziram o arroz na África ocidental e depois trouxeram o conhecimento do seu cultivo para as Américas ... é uma falácia primária destinada a ocultar as origens da cultura e o papel dos africanos e afro-americanos escravizados na transferência de sementes, competências técnicas e práticas culturais que estiveram na base do seu estabelecimento nas Américas.”

(CARNEY, Judith A.; WATKINS, Case. Arroz, protagonismo africano e a transformação ecológica das Américas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 16, n. 2, 2021, p. 2).

A teoria do “arroz negro”, elaborada por Carney, redimensionou a História da África, na modernidade, ao

- (A) demonstrar o papel central dos europeus na transferência de tecnologias.
- (B) privilegiar a África como o principal centro produtor de commodities.
- (C) argumentar sobre a manutenção do Mediterrâneo como eixo econômico mundial.
- (D) indicar a dependência africana de técnicas europeias de produção de arroz.
- (E) evidenciar o protagonismo africano no processo de crioulização ambiental.



- 39 “a migração açoriana para a Amazônia, entre 1751 e 1754, articula diferentes regiões do Império lusitano, desde a sede administrativa da Coroa [Lisboa] até o arquipélago dos Açores, passando pela Capitania do Grão-Pará... acompanhar esses migrantes é lidar com a política metropolitana de assegurar as possessões portuguesas na América em pleno Tratado de Madri, e combater as demandas de mão de obra de moradores do Grão-Pará, em meio à crise demográfica causada por uma epidemia”.

(VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano. Migração Açoriana na Amazônia: conexões entre Ilha Graciosa, Lisboa e Grão-Pará (1751-1754). **Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 10, n. 2, ago.-dez. 2017, p. 342 – adaptado).

Para Vieira Junior, a migração de açorianos para a Amazônia, nos meados do século XVIII, revela a(o)

- (A) inexistência de fluxos migratórios de pessoas livres na/para a Colônia.
 - (B) lugar sempre periférico da Amazônia nas políticas metropolitanas portuguesas.
 - (C) ausência de mão de obra escravizada de origem africana na Amazônia.
 - (D) complexidade das mobilidades populacionais no vasto Império Português.
 - (E) preocupação em assegurar os limites territoriais do Tratado de Tordesilhas.
- 40 “Nas bibliotecas sequestradas aos inconfidentes abundavam obras de conteúdo iluminista, sendo muitas delas proibidas pela censura régia e pela Igreja. Ali estavam autores como os franceses Montesquieu, abade Mably, Étienne de Condillac, Simon-Nicolas-Henri Linguet e Voltaire (que aparecia praticamente em todas as livrarias), os alemães Bielfeld e Christian Wolff, o holandês Cornelius de Pauw, os escoceses David Hume e William Robertson, o italiano padre Antônio Genuense, o espanhol Benito Feijoo e o português Luís Antônio Verney, entre outros; ao lado da *Encyclopédie*, de Denis Diderot e Jean le Rond d’Alembert”.

(RODRIGUES, André Figueiredo. Sequestros de bens dos participantes da Inconfidência Mineira como fonte de pesquisa para a história do livro e das bibliotecas (1789). **História**, São Paulo, v. 36, 2017, p. 23).

A análise dos acervos presentes nas bibliotecas de participantes da Inconfidência Mineira, corrobora a(o)

- (A) circulação, em Minas, de ideias revolucionárias da Europa e da América do Norte.
- (B) influência reduzida do Iluminismo na organização desse movimento revolucionário.
- (C) importância da Revolução Francesa para a compreensão da Inconfidência Mineira.
- (D) efetividade da censura Régia ao impedir o acesso a obras de conteúdo iluminista.
- (E) equivalência social entre os participantes desse movimento e da Conjuração Baiana.

RASCUNHO